

- Leitor crítico — Jovem Adulto
- Leitor crítico — 7^a e 8^a séries
- Leitor fluente — 5^a e 6^a séries

RICARDO AZEVEDO

Cultura da terra

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Rosane Pamplona

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?!*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações inter-

personais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



RICARDO AZEVEDO

Cultura da terra

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ricardo Azevedo nasceu em São Paulo, em 1949. É formado em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Faap e doutor em Letras, na área de Teoria Literária, pela Universidade de São Paulo. Casado, pai de três filhos, gosta de ler, ouvir música e conversar com os amigos.

Começou a produzir livros infantis em 1980, com *O peixe que podia cantar*, e até o ano de 2005 já publicou mais de cem títulos. Destacase em seu trabalho a pesquisa em literatura popular, que resultou em publicações como *Meu livro do folclore*, além de sua saborosa produção poética para crianças, como *Dezesseis poemas desengonçados*.

A respeito da literatura diz: *Acho que a literatura deve tratar sempre daqueles assuntos meio vagos, sobre os quais ninguém pode ensinar, só compartilhar: as emoções, os medos, as paixões, as alegrias, as injustiças, o cômico, os sonhos, a passagem inexorável do tempo, a dupla existência da verdade, as utopias, o sublime, o paradoxal, as ambigüidades, a busca do autoconhecimento, coisas banais que fazem parte do dia-a-dia de todas*

as pessoas. Para mim, a literatura, inclusive a infantil, é, sem dúvida, uma forma de tentar compreender a vida e o mundo.

RESENHA

*O que é, o que é?
Vamos ver quem diz agora,
Não me venha com depois,
O que é que você tem um,
O que é que todos têm dois?*

Pense bem e não se engane, pois quem se engana é o gambá. Mas também o gambá engana o cachorro-do-mato, o pescador engana o peixe, o compadre pobre engana o compadre rico e até o pangaré engana os macacos; enquanto isso, Melancia ama Coco Verde, Zé Bocoio só apronta e João Cinzento toca viola no cemitério. Em meio a essas histórias, passeia o Teiú-iaguá, o Chupa-cabra, o Pé-de-garrafa, o Matinta-Pereira e outros monstregos de todo o Brasil.

Mas não se assuste, pois aqui também há quadrinhas de fazer rir, trovinhas de amor, provérbios populares e muitas outras delícias: receitas de bom-bocado de pinhão, brevida-

de, pão de mandioca, merenda de banana e pudim de tapioca.

Então, vamos lá, conhecer esse mundão de poesia e alegria! Pois como diz o ditado:

Ou vai, ou racha, ou arrebenta as pregas da bombacha!

E para terminar:

Vou fazer a despedida,

Que fez o cachorro magro,

Comeu, encheu a barriga,

Saiu abanando o rabo.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Um passeio pelo sempre surpreendente universo da cultura popular é o que propõe o autor. Passando por todas as regiões do Brasil, ele nos lembra ou nos revela a sabedoria, a alegria, a poesia e a malícia do povo brasileiro por meio de contos, mitos, quadrinhas, adivinhas, ditados e até receitas culinárias. O livro surgiu após uma extensa pesquisa bibliográfica e de consulta a pessoas de diferentes estados brasileiros e de um trabalho de seleção que considerou os textos mais expressivos da cultura popular. A opção de linguagem, de um coloquial rico e variado, evidencia o caráter popular dos textos, além de preservar termos e expressões relativas a cada uma das regiões pesquisadas. Também corroboram esse caráter popular as ilustrações, de traços ingênuos e divertidos, além das xilogravuras, típicas da literatura de cordel do Brasil.

A obra é uma bela oportunidade de despertar nos alunos o gosto pela cultura popular, a curiosidade de desvendar cada vez mais esse extenso e fascinante patrimônio que nos foi legado por culturas tão diversas, como a européia, a africana e a indígena. Além disso, pode contribuir para uma prazerosa aproximação com os diferentes registros de fala da língua portuguesa.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: contos tradicionais, trovas, receitas, provérbios etc.

Palavras-chave: cultura popular, regiões do Brasil

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Artes

Temas transversais: Pluralidade cultural

Público-alvo: leitor em processo e leitor fluente

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. A palavra *cultura* é de significação muito ampla; pode ser entendida como o conjunto de conhecimentos, padrões de comportamentos, crenças, valores, costumes etc. que distinguem um grupo social. Assim, são manifestações culturais de uma comunidade os textos, as danças, as músicas, as regras de educação, o tipo de vestuário, o tipo de moradia, os festejos, e assim por diante. Com base no título do livro, converse com os alunos: o que é cultura? O que seria a *cultura da terra*? Uma receita de cozinha pode ser um registro de cultura? As histórias que se contam ou as comidas que se comem no Brasil são as mesmas de outros países?

2. Após a conversa, pergunte se alguém conhece uma quadrinha popular, uma adivinha ou um ditado. Se possível, façam o registro desses textos. Se alguém souber um conto popular, peça que o conte para a classe. Depois da leitura do livro, esse levantamento poderá se aprofundado.

3. Explique que os textos foram organizados de acordo com as regiões do Brasil. Verifique se sabem que estados fazem parte de cada região. Leve um mapa para localizá-los.

Durante a leitura

As propostas a seguir referem-se ao livro todo. Mas é possível aplicá-las a cada parte do livro se o professor desejar trabalhar uma região do Brasil de cada vez. É também possível trabalhar um gênero de texto por vez: quadrinhas, contos, adivinhas, mitos, ditados e receitas.

1. Antecipe aos alunos que, nos textos, aparecerão muitas palavras que provavelmente eles não conhecem. Algumas delas têm seu significado explicado no rodapé. Outras podem ser anotadas para serem explicadas em classe.

2. Seria interessante que eles também notassem as marcas de cultura de cada região, conforme as fossem encontrando nos textos. Por exemplo, *tomar mate* e *chimarrão* (nas quadrinhas da região Sul) ou o *sertão* e o *Senhor do Bonfim* (nos contos e quadras da região Nordeste).

3. Peça que leiam anotando os textos que já conheciam, ou que conheciam em uma versão diferente.

4. Desafie-os a tentar responder as adivinhas sem olhar as soluções no fim do livro. Como as ilustrações dão pistas equivocadas sobre as respostas, seria divertido anotar o que cada um pensou antes de descobrir a verdadeira resposta.

Depois da leitura

◆ nas tramas do texto

1. Um dos traços distintivos da cultura popular é seu caráter divertido, bem-humorado. Portanto, sugerimos que, antes de começar um trabalho detalhado e aprofundado sobre as questões trazidas pelo livro, os alunos tenham um espaço para comentar suas impressões sobre o que leram. Proponha, por exemplo, que recontem à sua maneira o conto de que mais gostaram, ou que tentem declamar de cor uma das quadrinhas. Se há alunos de diferentes regiões na classe, peça que leiam um dos textos com o sotaque típico dessa região.

2. Esclareça as dificuldades de vocabulário que apareceram durante a leitura. Observe que muitas vezes essas dificuldades relacionam-se com as diferenças regionais. Por exemplo, a palavra *mas*, em “Mas! Vou me amarrar no tronco pro pé-de-vento não me levar!” (p. 17), é apenas uma interjeição, típica da região Sul, que poderia ser substituída por “oras!”; nesse caso, não tem o significado da conjunção adversativa *porém*.

3. Aproveitando os esclarecimentos de vocabulário, façam um levantamento de outras marcas lingüísticas regionais, por exemplo:

- Na região Sul, o uso do pronome tu (*Bah, tu não soubeste?*), de certas interjeições e variantes, como *adepois* (p. 12), em vez de *depois*, além do léxico relativo à geografia e aos costumes próprios: chimarrão, cavalo zaino, gaúcho etc.

- Na região Nordeste, o uso da palavra *cabra* (homem, sertanejo), a exclamação *Oxente!*, a repetição da negativa, como em *Não digo isso não!* (p. 116).

- Na região Norte, região em que se concentram os grupos indígenas do Brasil, palavras

de origem indígena, como em *Te mandei um passarinho, / Patuá miri pupé, / Pintadinho de amarelo, / Iporanga ne inaué*.

4. Organize a classe em grupos e peça que cada aluno observe e registre as outras marcas de cultura de cada região, aproveitando o que foi anotado durante a leitura. Essas marcas podem ser organizadas em aspectos físico-geográficos e costumes e tradições:

- ambiente geográfico
- costumes

O trabalho pode ser iniciado em conjunto, observando os primeiros textos do livro. Por exemplo, já na primeira quadrinha aparece a parreira. O cultivo de uvas é uma das tradições, ou seja, uma marca de cultura da região Sul. Assim também o pinheiro, que pode não ser exclusivo do Sul, mas é onde aparece com mais frequência. Na seqüência das quadrinhas, pode-se observar o hábito de tomar chimarrão, de usar poncho e assim por diante.

5. Verifique se alguém conhecia algum dos textos em outra versão. Provavelmente, alguns conhecem pelo menos um conto ou trecho de conto. Se for o caso, peça que contem a sua versão e comparem as diferenças. Alguns dos contos do livro são versões diferentes de histórias que aparecem em coletâneas tradicionais, como a dos Irmãos Grimm, por exemplo “João e Maria” e “Compadre rico e compadre pobre” (na versão dos Grimm, “Os três cabelos de ouro do diabo”). Providencie esses textos e proponha que os comparem: em que se assemelham? Em que se diferem?

6. O conto “O vaqueiro que nunca mentiu” lembra a saga do boi presente nos festejos do “bumba-meu-boi”, típicos da região Nordeste. Conte ou relembre aos alunos onde e como se dão esses festejos. Aproveite a oportunidade para lembrar outros festejos típicos regionais. Se for possível, mostre a eles fotos ou filmes sobre as festas populares ou peça que os alunos façam demonstrações ao vivo, com danças e músicas típicas.

7. Retome com os alunos as quadrinhas. Faça brincadeiras com elas, por exemplo:

- Peça que cada um copie uma quadrinha num papel e depois a recorte em quatro versos. O primeiro verso de cada uma ficará com o professor e os outros serão distribuídos,

embaralhados, entre os alunos. O professor dirá o primeiro verso e os alunos que estiverem com a seqüência devem ler os versos em voz alta.

- Selecione do livro algumas quadras que tenham alguma marca denunciando sua origem. Escreva-as na lousa e desafie-os a descobrir de que região são.

Exemplos: *Marrequinha da lagoa*, /Tuiuiú do Pantanal (região Centro-Oeste, p. 65); *Eu sou cabra perigoso*, / Quando pego a perigar (região Nordeste, p. 92); *Oriza, cipó-catinga*, / Pipirioca, vindicá (região Norte, p. 121).

- Releia os versos iniciais de algumas quadras e proponha que os alunos dêem novas seqüências a eles.

8. Verifique se todos entenderam os provérbios lidos. Lembre-se de que é necessário dar-lhes um contexto para que os compreendam melhor. Proponha que ampliem seu repertório de ditados populares, registrando os que conhecem ou fazendo pesquisas com amigos e familiares. O site a seguir pode ajudá-los na pesquisa: www.jangadabrasil.com.br

9. Proponha um torneio de adivinhas. Divida a classe em dois grupos; um desafiará o outro, com as adivinhas do livro ou outras trazidas de casa. Sugestão: *Enrosca ou desenrosca?*, de Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona, Editora Moderna.

10. E os monstregos? Quem já tinha ouvido falar de algum deles? Há na sua região ou cidade algum tipo desses, alguma lenda assustadora ou um “caso” de assombração? Peça que pesquisem em casa e na comunidade e que registrem depoimentos de pessoas que já ouviram falar desses mitos. Os casos pesquisados podem ser apresentados à classe, de preferência acompanhados de painéis ilustrados com desenhos. Os pais e os avós podem contribuir muito com essa pesquisa!

11. Organize a classe em grupos pequenos e proponha que cada um teste uma das receitas do livro. Depois, o prato pronto deve ser trazido para todos saborearem em conjunto!

12. Algumas das ilustrações do livro lembram as xilogravuras usadas na literatura de cordel.

Se tiver oportunidade, apresente à classe um livreto de cordel e trabalhe com ela mais esse tipo de texto de manifestação popular. Sugestão: *Minhas rimas de cordel*, de César Obeid, Editora Moderna.

13. Para arrematar o trabalho, organizem um sarau de cultura popular. Alguns podem contar ou dramatizar histórias e casos assombrosos; outros podem declamar quadrinhas; outros, ainda, propor adivinhas ao público. Se for possível, convide os alunos de outras classes e mesmo os pais e amigos. Incremente o encontro servindo as delícias regionais já testadas em classe!

◆ nas telas do cinema

Marvada carne, dirigido por André Klotzel. Trata-se de um filme divertido sobre a cultura caipira, por onde passam várias figuras da mitologia brasileira, como o Saci, o Tinhoso, a Corrupira. Nhô Quim chega à casa de Sá Carula, seguindo seu desejo de comer carne de boi. A moçoila, vendo atendidos seus pedidos a Santo Antônio, faz de tudo para convencê-lo a se casar com ela.

DICAS DE LEITURA

► do mesmo autor

Histórias folclóricas de medo e de quebranto — São Paulo, Scipione

Meu livro de folclore — São Paulo, Ática

Armazém do folclore — São Paulo, Ática

Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões — Porto Alegre, Projeto

► sobre o mesmo gênero

Contos da carochinha — Figueiredo Pimentel, Belo Horizonte, Villa Rica

Contos tradicionais do Brasil — Câmara Cascudo, São Paulo, Global

Contos populares do Brasil — Sílvio Romero, São Paulo, Editora Itatiaia